

Economia



NILO TARDIN

A SECA atingiu principalmente o Rio Doce, que está assoreado. Agricultores estão tendo dificuldades de irrigar lavouras e engordar o gado

FALTA DE CHUVA

Seca reduz produção e preços disparam

A falta de chuva está afetando as produções de carne, leite, café, mamão, abacaxi, tomate e banana, que já estão mais caros

Pollyanna Dias
Tais de Hollanda

Com a seca que vem se arrasando há meses no Espírito Santo, principalmente no Rio Doce, a produção agrícola e pecuária nas fazendas do Estado caiu e os preços dos alimentos estão subindo nos supermercados.

Segundo o secretário de Estado da Agricultura (Seag), Enio Bergoli, o nível de chuva no Estado está

abaixo da média histórica, que é de aproximadamente 1.200 milímetros de chuva no ano, desde o ano passado, comprometendo as áreas de pastagens.

“Grande parte dos pastos no Estado não são irrigados, então o gado perde peso, e há redução na produção de carne e de leite. Por isso, a carne e o leite estão mais caros no supermercado”, explicou.

O plantio de frutas e de café conilon também está perdendo força devido à estiagem, embora sejam cultivos irrigados. “Como os mananciais estão abaixo da média e a vazão de água está baixa no Estado, os produtores não conseguem irrigar o plantio nas quantidades recomendadas”, pontuou.

O secretário disse ainda que o café tipo conilon já foi colhido, mas a falta de chuva reduziu o ta-

manho e o peso do fruto.

“Ainda não há como saber o valor do prejuízo, mas estamos monitorando junto ao Incaper (Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural) o impacto para os agricultores”, disse Bergoli.

Outro cultivo que preocupa os agricultores é o de café arábica na região Serrana do Estado.

“Pequena parcela das lavouras são irrigadas. A safra foi mínima e a previsão é de cair em até 50% a produção do arábica”, informou o diretor-técnico do Incaper Aureliano Nogueira da Costa.

Ele apontou que a oferta de mamão, abacaxi, maracujá, banana e tomate também está reduzida com a estiagem e, por isso, estão pesando no bolso do consumidor.

Já o presidente da Associação

1.200
milímetros de chuva no ano é a média histórica do Estado, mas atualmente o índice está abaixo dessa marca

50%
de redução na produção de café arábica com a seca

Capixaba de Supermercados (Acaps), João Carlos Devens, destacou que alguns grãos produzidos no Estado não tiveram aumento. “O preço do feijão não foi afetado e está baixo”, destacou.

O ambientalista Petrus Lopes ressaltou que cuidados com o Rio Jucu podem garantir a produção de alimentos e água para consumo. “Se não pararmos de poluir o Rio Jucu, em 2025 o município de Vila Velha corre o risco de ter de usar água do Rio Doce”, afirmou.

Barragens e aterros para captar mais água

A construção de barragens nos rios que abastecem o Espírito Santo e grandes aterros utilizados como área de reservas hídricas, para o comportar a água da chuva são alternativas apontadas por especialistas em meio ambiente como soluções para o período de seca.

O diretor-presidente da Agência Estadual de Recursos Hídricos (AGERH), Fábio Ahnert, apontou que a criação de barragens já está em prática no Estado.

“Estamos desenvolvendo barragens para preservação de água e regularização de vazão. Em julho, implantamos um em Santa Teresa, que fornece água para os agricultores, e agora consegue abastecer o município de São Roque do Canaã.”

Ahnert afirmou que uma campanha de descontos para quem fizer o reuso de água será lançado até novembro deste ano em todo o Estado.

ESTRATÉGIAS

Já o professor de Ecologia e Meio Ambiente da Ufes e especialista em sustentabilidade Luiz Fernando Schettino destacou que na região Serrana do Estado e na capital é possível ver aterros construídos como estratégia para a captação de água da chuva. “Em Vitória, aterros imensos estão sendo feitos para complementar os lençóis freáticos do Estado. Já na região montanhosa, são separadas áreas planas em baixo dos morros, para se captar água”, explicou.



ARQUIVO/AT

BARRAGEM construída: alternativa

ENTENDA

Seca no Espírito Santo dura meses

> A SECA NO ESTADO já está se arrasando há meses, período em que a safra de frutas e hortaliças reduziu, assim como a produção de carnes, fazendo com que os preços dos alimentos disparassem.

> O NÍVEL DE CHUVA está abaixo da média histórica do Estado, de aproximadamente 1.200 milímetros por ano. A previsão é que a chuva retorne a partir novembro com a chegada de uma massa de ar do Pacífico.

> A EVAPORAÇÃO da água do mar, que causa 5% da chuva no Estado, também deve aumentar o nível de água das barragens e rios.

> O ESPÍRITO SANTO e demais estados

da região Sudeste aguardam uma recuperação lenta do nível dos reservatórios até fevereiro, quando deve durar o período chuvoso.

> NESTE ANO, o nível de chuva na região Norte do Estado está abaixo da média anual de mil milímetros. E na região Sul choveu menos que os 1.500 milímetros.

> COM A ESTIAGEM prolongada, os pastos estão secos, o que causa emagrecimento do gado e redução da produção de leite. A irrigação no cultivo de café também está abaixo do recomendável.

Fonte: Especialistas consultados.



ARQUIVO/AT

LAVOURA de café: pouca irrigação

ANÁLISE

“O tomate pode retomar o papel de vilão”

A crise de água chegou a um ponto de preocupação geral no Brasil por ser um elemento vital para a vida na Terra. E nós, consumidores, vamos sentir no bolso.

A falta de chuva e a baixa nos reservatórios farão com que os alimentos sofram aumento de custo, principalmente com o verão, pois o calor em excesso pode danificar o plantio de verduras e hortaliças.

O tomate pode retomar o papel de vilão. Em pesquisas em supermercados realizada na Grande Vitória neste ano percebemos que de

julho a setembro o tomate saiu de R\$ 1,99 o quilo, para R\$3. Agora o produto está a R\$ 5, e o quadro pode se agravar até 2015.

Os consumidores tem de ter a humildade de começar a economizar a água e não vir com aquele discurso de ‘eu pago as minhas contas’. E as prefeituras tem de aumentar a campanha de conscientização. Senão vamos começar a experimentar a realidade paulista de comprar carros-pipas todos os dias para atender aos gastos da classe média. E não estamos longe.

Paulo Cezar Ribeiro,
professor economista da
Rede Doctum



Economia

FALTA DE CHUVA

São Francisco seca e ameaça agricultura

SÃO PAULO

Desde julho, uma situação inusitada ameaça os 21 produtores de frutas do Projeto Pirapora, em Minas Gerais, referência por ter sido em 1975 a primeira experiência de irrigação com as águas do São Francisco em Minas Gerais. O rio começou a baixar rapidamente.

E baixou tanto que o local da captação de água foi invadido pela areia. Desesperado, Nadson Martins, gerente do projeto, fez uma gambiarra. Arrumou uma escavadeira, rasgou o leito do rio, abriu um canal e pediu emprestadas bombas flutuantes para jogar água no encanamento do sistema de irrigação.

“Sem a água do São Francisco, o projeto não existe: se não chover logo, podemos passar a chave no portão e ir embora.”

Entre os rios 100% brasileiros — que nascem e deságuam dentro das fronteiras do País —, o maior é o São Francisco. A sua bacia hidro-

gráfica ocupa 7,5% do País. Está presente em 521 municípios, quase 10% do total nacional.

No entanto, apesar do porte e da tradição de resistência às intempéries climáticas, nem ele suporta a estiagem.

A reportagem percorreu 1.700 mil quilômetros de estradas — metade delas de terra beirando o São Francisco — para ver de perto a situação do rio. O trecho escolhido foi o chamado Alto São Francisco, em Minas.

Pelo caminho, encontrou plantações de café e eucalipto amarelado, gado magérrimo em busca de abrigo sob árvores sem folhas, fazendas com pivôs de irrigação desligados e a terra nua à espera da chuva para o plantio.

Junto ao rio, o que mais se avista é o seu fundo, que emergiu criando ilhas, ora de pedras, ora de areia. Em outros pontos, abriram-se poças. Lá os peixes são presas fáceis para a pesca, a essa altura já considerada predatória, dada a facilidade com que cardumes inteiros são capturados.

Segundo cálculos da Emater de Montes Claros, o norte de Minas contabiliza R\$ 1 bilhão de perdas com a seca nos últimos anos. Cabeças de gado, no total de um milhão, morreram ou foram vendidas a outras regiões para não morrerem de sede. Cerca de 80% das safras de arroz e feijão se perderam.

“Se não chover logo, podemos passar a chave no portão e ir embora”

Nadson Martins, gerente do projeto Pirapora

Emergência em 160 cidades

BRASÍLIA

Cento e sessenta municípios de Minas Gerais estão em situação de emergência por causa da seca. De acordo com boletim divulgado pela Defesa Civil do estado, o quadro de seca vem desde o começo do ano.

Em função do fenômeno climático, aumentou os focos de incêndio na região. Segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), só em outubro foram registrados, até a metade do mês, 3.553 focos. Em 2014, esse número já chega a 10.646.

Além dos focos de incêndio, a seca em Minas Gerais prejudica a qualidade do ar e compromete o abastecimento de água. E o caso de Formiga, o município está sob estado de calamidade pública desde terça-feira da semana passada.

Desde ontem a prefeitura decidiu suspender as aulas nas escolas municipais por causa do precário abastecimento de água na cidade.

Para amenizar o problema de falta de água no município, a prefeitura de Formiga restaurou o poço artesiano localizado na antiga indústria Santa Rita, que fica às margens da Rodovia MG-050.

O poço tem uma vazão de 30 mil litros de água por hora e abastecerá os caminhões-pipa a fim de atender parte da cidade. A seca também atinge municípios do Rio Grande do Norte, na Região Nordeste. O Ministério da Integração Nacional por meio da Secretaria Nacional de Defesa Civil, reconheceu como em situação de emergência mais de 90% do estado. Ao todo 152 cidades sofrem com a falta de chuva.

ARQUIVO/AT



SECA AUMENTA FOCO de incêndios e prejudica a qualidade do ar



MORADOR CAVALGA em leito seco do córrego Arrozal, na Fazenda São Domingos, em Minas Gerais

Volume de água é o pior em 83 anos

O volume de água do rio — tecnicamente chamado de vazão — tem caído no São Francisco. A baixa está em relatórios estatísticos e fica clara quando se estuda o volume de água despejado no rio pelas represas das usinas.

Na hidrelétrica de Sobradinho, na Bahia, por exemplo, o volume devolvido ao rio caiu 23% na comparação da média dos anos entre 1931 e 1992 com a média entre 1993 e 2012.

Não se pode dizer com certeza a causa: se pelo uso da água para abastecimento de uma população crescente, pela irrigação — a autorizada

e a clandestina — ou pela terra que desliza das encostas desmatadas.

Quando se olha o estado de degradação do rio, a sensação é que ele é vítima de tudo isso ao mesmo tempo. A estiagem dos últimos três anos é um agravante: acentua a evaporação nos seis estados por onde passa.

O rio corre hoje com 49 metros cúbicos de água por segundo (metros cúbicos por segundo). Trata-se do pior volume nos 83 anos de medição em seu leito e uma fração do volume normal, que é de 2.800 metros cúbicos por segundo.

ESTRANHAMENTO

Os mineiros, especialmente os que vivem no norte de Minas, estão alarmados com os efeitos da estiagem no rio. Quem bem sintetiza a dimensão do estranhamento que tomou conta das pessoas é a empresária Janice Fiúza Figueira.

A dona Nini, como é conhecida na cidade que leva o mesmo nome do rio, São Francisco, tem 80 anos e está impressionada: “Os antigos, quando eu era criança, falavam de uma seca que deixou o rio coberto de areia. Eu mesma nunca tinha visto nada assim”.



LUIZ PEREIRA, caseiro de um clube no Rio das Velhas, espera a chuva para retirar os barcos

Previsão de aumento da umidade

SÃO PAULO

O Sistema Cantareira baixou para 3,5% ontem mesmo com a chuva do último domingo. Antes, no fim de semana, o sistema tinha 3,6%. De acordo com a Sabesp, o Sistema Cantareira foi o que teve a maior pluviometria acumulada, com 23,9 milímetros (mm).

Além disso, o Sistema Alto Tietê registrou 7,4 mm, o Sistema Guarapiranga, 4 mm, o Sistema Alto Cotia, 5mm, o Sistema Rio Grande, 1,4mm e o Sistema Rio Claro, 5,8 mm. No domingo, depois de os termômetros marcarem 35,8°C, diversas regiões da cidade receberam

ARQUIVO/AT



ÁREA da Cantareira sem água

chuva devido a uma frente fria.

De acordo com a Climatempo, a partir de agora a atmosfera deve ficar mais úmida e o ar quente e seco, que prevaleceu ao longo deste fim de semana no Sudeste e parte do Sul do País, perde força.

A tendência é que novas frentes frias estacionem sobre essas regiões e provoquem chuvas, mas sem grandes acumulados de precipitação. Até sábado, a previsão é que chova na Grande São Paulo entre 10 mm e 20 mm. Para outubro, a meteorologia espera que o nível de chuva seja menor ou igual a 127 mm, média do mês em anos anteriores.